

Exame Vestibular: um perfil das provas de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Brazilian university entrance exams: a profile of History tests of the Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Thiago do Nascimento Torres de Paula¹

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo apresentar um perfil das provas objetivas de História do exame vestibular da UFRN, elaborado pela Comissão Permanente do Vestibular (Comperve). O período escolhido para análise foi a última década, considerando que as provas de 2001-2010, utilizadas como fontes, estão disponíveis no site da instituição elaboradora. No processo de tratamento das provas, foram construídos quatro quadros e quatro tabelas, com a finalidade de obter informações quantitativas e qualitativas. A partir disso, foi possível perceber equilíbrios e discrepâncias com relação à distribuição dos conteúdos, como também propostas metodológicas que vêm valorizando a capacidade interpretativa dos alunos-vestibulandos, durante os dez anos pesquisados.

PALAVRAS-CHAVE: Vestibular, provas, História, UFRN.

ABSTRACT: This work aims to present a profile of the objective tests of the discipline of History in the Brazilian University entrance exam at the Federal University of Rio Grande Do Norte in Natal, Brazil. The exam is prepared by the local Permanent University entrance exam committee called Comperve. The period chosen for the analysis was the last decade considering tests applied from 2001 to 2010. The documents were gathered from the institutional website. Four analysis frames as well as four tables were made in order to obtain information of quantitative and qualitative nature. Thus, it was possible to perceive certain balance and discrepancies regarding content distribution as well as in the methodological proposals that aim to value the student's interpretative ability in the last ten years

KEYWORDS: Brazilian university entrance exam, tests, History, UFRN

Reflexões gerais

No ano de 2001, a prova do exame vestibular de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), elaborada pela Comissão Permanente do Vestibular (Comperve), já não apresentava as velhas características das provas que marcaram a década de 80 e parte da década de 90 do século XX. Nessas décadas anteriores, as questões possuíam enunciados diretos, os quais não requeriam dos alunos-vestibulandos a utilização de suas habilidades interpretativas de textos escritos, visuais ou mesmo de tabelas e de gráficos. Sendo

¹ Doutorando em História, Universidade Federal do Paraná (UFPR). thiagotorres2003@yahoo.com.br

assim, o objetivo deste texto é apresentar um perfil das provas objetivas de História, do vestibular da universidade mencionada acima, dos anos de 2001 a 2010.

O exame vestibular é visto pela comunidade de alunos concluintes do ensino básico, tanto dos estabelecimentos de ensino públicos quanto dos privados, como um ritual de passagem para a universidade. A aprovação em tal exame intelectual gera uma espécie de ascensão social, já que a desejada aprovação no vestibular, principalmente em uma universidade pública, transforma ex-alunos secundaristas em universitários, em futuros profissionais das várias áreas de atuação. Para isso, muitos estudam a “vida toda”, enquanto outros passam a se dedicar somente no ensino médio ou mesmo depois dele, quando ingressam em cursos preparatórios. De qualquer forma, “todos” seguem as orientações gerais: dedicam algumas horas de estudo em casa, participam de aulões¹, formam grupos de estudo, assistem às revisões na TV, dormem cedo no dia anterior ao exame, chegam uma hora antes ao local de prova, escutam as dicas para a avaliação do dia pela rádio, tudo em nome de um novo lugar social.

Segundo alguns especialistas, o exame vestibular apresenta-se como uma referência importante para os alunos e para alguns estabelecimentos de ensino, principalmente os particulares. Isso porque, para os vestibulandos que se dedicam, as avaliações são a média do que sabem e do que não sabem. Já para as escolas que visam o ingresso de seus alunos na universidade, tal aprovação é percebida como um termômetro de sua qualidade de ensino. (FIDELIS, 2002). Esse termômetro tem sua marcação elevada quando determinada escola ou curso preparatório aprova seus alunos em cursos como medicina, direito e algumas engenharias.

Quando citados os cursos de medicina, direito e algumas engenharias, está sendo trazida para a ordem do dia uma velha cultura bacharelesca, presente no Brasil, que é egressa do século XIX, perpassa todo o século XX e adentra ao século XXI, gerando até um discurso preconceituoso com os outros cursos. Esse fato pode ser observado nas páginas da literatura brasileira na fala de Dona Rozilda, mãe do principal personagem do romance *Dona Flor e seus dois maridos*, a qual desqualifica a formação do segundo marido de sua filha, que tinha graduação em Farmácia na cidade de Salvador:

Quanto ao título de doutor, opunha-lhe reservas:

---- Farmacêutico... Doutor de pé-quebrado...

Distinguia entre os diversos canudos de formatura, nem todos possuindo, a seu ver, a mesma classe e categoria:

---- Doutor de verdade, de primeira, é médico, é advogado, é engenheiro civil. Dentista e farmacêutico, agrônomo, veterinário, tudo isso é doutor de segunda, de meia-tigela, é doutorzinho... Gente que não teve cabeça nem competência para estudar até o fim [...]. (AMADO, 2001, p. 289).

O preconceito contra os cursos universitários que fogem do espaço bacharelesco estampado nas palavras da personagem de Jorge Amado ainda é presente. Assim, os muitos alunos aprovados nos exames vestibulares para os cursos de licenciatura nas suas mais variadas habilitações não se tornam estatísticas para os cursos preparatórios e escolas que visam a entrada de seus alunos nos estabelecimentos de ensino superior, ao contrário dos alunos aprovados em medicina, direito e demais engenharias, que se transformam em números e propagandas na TV, na rádio, nos panfletos e na internet. No entanto, o ponto nevrálgico é que todos têm que prestar e serem aprovados no exame vestibular para o ingresso em qualquer universidade brasileira.

Esse exame se trata de um divisor de águas na vida dos alunos que desejam continuar sua formação, já que o sistema educacional brasileiro é dividido em dois momentos: o Ensino Básico e o Ensino Superior. É determinado na lei de n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que a passagem de um nível para o outro deve ser feita mediante exame escrito. (BRASIL, 2010).

Perfil das provas

As questões das provas objetivas de História do exame vestibular dos anos de 2001 a 2010 foram caracterizadas por requererem do aluno-vestibulando habilidades interpretativas de fragmentos de textos escritos, de imagens ou de mapas. As bancas constituídas pela Comperve, em uma década de trabalho com a formulação de avaliações para o ingresso nos cursos de graduação da UFRN, elaboraram um conjunto de questões que totalizaram 141. Nesse universo, os vários períodos da História foram abordados (antiguidade, idade média,

modernidade e contemporaneidade), ordenando as proposições. No que diz respeito às questões sobre História do Brasil, a tríade Colônia, Império e República ainda se fez presente, mas não organizada cronologicamente. A História local (Rio Grande do Norte) foi representada nos últimos dez anos como integrada aos períodos da História Nacional.

Após a simples caracterização da prova, é importante que seja demonstrado um perfil de caráter quantitativo e qualitativo das avaliações. Inicialmente, será utilizado como base um conjunto de quatro tabelas criadas a partir da leitura das provas. Por último, os aspectos qualitativos, apresentando as propostas metodológicas existentes nos enunciados.

A Tabela 1 apresenta um panorama amplo das questões de História de Geral. Em uma década de trabalho, a banca elaboradora criou em números absolutos 68 questões, sendo uma sobre pré-história (1,47%), 12 sobre antiguidade (17,64%), 19 sobre idade média (27,94%), 16 sobre modernidade (23,52%) e 20 sobre contemporaneidade (29,41%).

Tabela 1 – Número de questões de História Geral (2001-2010)

Períodos	Números absolutos	Números relativos
Pré-História	1	1,47%
História Antiga	12	17,64%
História Medieval	19	27,94%
História Moderna	16	23,52%
História Contemporânea	20	29,41%

Fonte: Provas do vestibular da Comperve

Percebe-se que na totalidade de 68 questões sobre História Geral, propostas nos vestibulares da Comperve dos últimos dez anos, ocorreu um equilíbrio entre as proposições de História medieval, moderna e contemporânea, mesmo que neste tenha havido um destaque para os fatos pós-revolução francesa, sendo 29,41% das proposições voltadas para contemporaneidade. Em segundo lugar, as atenções foram voltadas para a História Medieval, com 27,94% das elaborações com ênfase para conteúdos como: Igreja católica, feudalismo e Islamismo. É notório como as discussões sobre antiguidade são reduzidas, representado quase uma questão por vestibular em média. Já os assuntos de pré-história são relegados ao ostracismo, com uma questão em uma década, representando 1,47% do percentual total.

Compreende-se o baixo índice de elaboração de questões sobre História Antiga e o quase total esquecimento do mundo pré-histórico a partir das orientações metodológicas, nas quais se afirma que se devem discutir os conteúdos enfatizando aqueles que estão mais próximos do presente. Esse fator ocorre mesmo diante de uma realidade em que se valorizam cada vez mais os conteúdos de antiguidade e pré-história, tanto nos livros didáticos como os de orientação para o Ensino de História. (VAINFAS, 2010; COTRIM, 2005; NOGUEIRA, 2010; FARIA, 2010; FUNARI, 2010).

Sobre a História do Brasil, constata-se que foi elaborado um número de 59 questões, demonstrando um equilíbrio com as proposições sobre História Geral, mesmo que muitas vezes a História nacional esteja comprimida ou mesmo diluída dentro dos manuais de ensino fundamental e médio. Tal realidade foi detectada por uma das mais respeitadas especialistas na área de Ensino de História:

Uma análise de algumas obras didáticas recentes e com grande vendagem, para o ensino fundamental e para o médio, permite, por exemplo, identificar rápida e facilmente a diluição de conteúdos da História do Brasil. Apenas para exemplificar, em um rápido levantamento quantitativo, em um livro didático para o ensino médio, confeccionado segundo o atual modelo de volume único para as três séries, verifica-se que dos 42 capítulos apresentados, apenas 12 são efetivamente de conteúdos de História do Brasil. O mesmo pode ser observado em coleção para o ensino fundamental, no qual em um total de 168 capítulos organizados para quatro séries, existem apenas trinta relativos à História brasileira. (BITTENCOURT, 2010, p. 188).

Na leitura da Tabela 2, percebe-se também uma valorização maior dos assuntos sobre a História contemporânea brasileira, contabilizando um total de 27 questões elaboradas na última década e um percentual de 45,76%.

Tabela 2 – Número de questões de História do Brasil (2001-2010)

Período	Números absolutos	Números relativos
Colônia	20	33,89%
Império	12	20,33%
República	27	45,76%

Fonte: Provas do vestibular da Comperve

O que mais se destaca na tabulação acima é a pouca importância dada ao período imperial brasileiro (1822-1889) – momento em que foram forjados o Estado e a Nação –, contendo 12 questões apenas, verificando-se claramente uma média básica de uma questão para cada vestibular. Possivelmente, o maior número de proposições desenvolvidas sobre o momento da Colônia explica-se em função de um maior espaço temporal, já que por mais de 300 anos o Brasil foi extensão administrativa de Portugal. (NOVAIS, 1997).

No tocante à História local, os conteúdos selecionados pelos elaboradores foram marcados quase na sua totalidade por temas da História tradicional. Essas temáticas possivelmente foram discutidas nas décadas anteriores, sendo facilmente encontradas nos velhos e “novos” livros que têm a pretensão de contar a História do Rio Grande do Norte. (CASCUDO, [s/d]; ROCHA POMBO, 1922; LYRA, 1998; MARIZ, 2002; MONTEIRO, 2000). A respeito desses conteúdos, observe-se o quadro abaixo:

Quadro 1 – Conteúdos de História local²

Anos	Conteúdos
2001	Processo de colonização no século XVII
2002	Discussão sobre o conceito de potiguar e norte-rio-grandense
2003	Abolição da escravatura em Mossoró
2004	Política de oligarquias (passagem do Império para a República)
2005	Governo de Alberto Maranhão
2006	A presença de Café Filho na política nacional
2007	Projeção da oligarquia Bezerra de Medeiros
2008	Crescimento econômico da província/ Formação territorial do estado do Rio Grande do Norte
2009	Confronto entre as dimensões da cidade do Natal na década de 1920
2010	Ocupação holandesa na capitania do Rio Grande/O cotidiano na cidade do Natal durante a Segunda Guerra Mundial

Fonte: Provas do vestibular da Comperve

No quadro acima, frisa-se o destaque para as questões elaboradas nos anos de 2002, 2009 e 2010, as quais foram criadas fora dos conteúdos tidos como tradicionais. Em 2002, houve uma discussão sobre identidade, trabalhando os limites dos conceitos de potiguar e norte-rio-grandense, uma vez que as identidades não são algo natural, mas sim criações. (HALL, 1997). Nos anos de 2009 e 2010, os responsáveis pela elaboração da prova optaram por eleger temas ligados ao cotidiano. A primeira temática versa sobre a cidade do Natal na década de 1920 e a segunda discute a vida na cidade durante a Segunda Guerra Mundial, pois, segundo Heller

(1992), a vida cotidiana é a vida de todo homem, em que todos a vivem sem exceção, independentemente de sua função na divisão de trabalho. Discutindo sobre o assunto, Heller (1992, p. 17) afirma ainda com muita propriedade:

[...] o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela, colocam-se “em funcionamento” todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, ideias [...].

Del Priore (1997), pensando a história do cotidiano em um momento posterior a Heller, comenta que não é suficiente aceitar que a História é a história de uma longa exploração do homem pelo homem, sem tentar entender o que isso realmente significou para os explorados ou para os excluídos. Diante da importância aferida pelos estudiosos ao mundo do cotidiano, compreende-se a escolha da banca elaboradora para os anos de 2009 e 2010.

A Tabela 3 apresenta a distribuição das questões de História local, por períodos semelhantes ao da História do Brasil.

Tabela 3 – Número de questões de História local

Períodos	Números absolutos	Números relativos
Colônia	2	16,66%
Império	2	16,66%
República	8	66,66%

Fonte: Provas do vestibular da Comperve

Analisando os dados da tabela, percebe-se que nos últimos dez anos houve uma paridade entre as elaborações relativas aos períodos colonial e imperial. Tal como na Tabela 2, que trata das questões de História do Brasil, ocorreu uma predileção por elaborar a partir do momento mais contemporâneo da História do Rio Grande do Norte.

Algo pertinente a ser observado em todas as provas de História redigidas entre 2001 e 2010 é a pouquíssima ou quase nenhuma utilização de temas como gênero, família, identidade, eugenia, cidade e globalização. Veja-se a Tabela 4 a seguir:

Tabela 4 – Número de temas que estão presentes nas questões, 2001-2010

Temas	Números absolutos	Números relativos
Gênero	2	0,014%
Família	–	0,00%
Identidade	2	0,014%
Eugenia	1	0,007%
Cidade	3	0,021%
Globalização	1	0,007%

Fonte: Provas do vestibular da Comperve

Em um conjunto de 141 questões elaboradas pela Comperve, os percentuais apresentados sobre os temas mencionados são mínimos. Há um destaque para as elaborações sobre cidades, o que corresponde a três proposições, em números relativos foi arrolado 0,021%. O que mais chamou a atenção na construção desta análise diz respeito à inexistência de questões que abordam discussões sobre a família, setor da História já com ampla bibliografia especializada.

Agora, serão discutidos os aspectos qualitativos das provas. No ano de 2001, a banca elaboradora criou apenas uma questão sobre pré-história, com destaque somente para o período referente ao final do Neolítico e à formação dos primeiros Estados, deixando de contemplar o Paleolítico e suas faces. Salienta-se que a prova desse ano foi caracterizada por proposições diretas, sem uma predominância de textos, não havendo a utilização de imagens, gráficos ou tabelas.

Em 2002, a avaliação passou por modificações significativas. Foram criadas questões de caráter comparativo e com a utilização de documentos, tal como orienta a bibliografia especializada. (BERUTTI, 2009; SOBANSKI, 2009; SCHMIDT, 2010). Como exemplo, pode-se citar a questão de número nove, na qual a banca fez uso de um fragmento do livro *Casa Grande & Senzala* de Gilberto Freyre, que discute o papel da mulher na sociedade da época, como também de uma reprodução da tela de Jean-Baptiste Debret, intitulada *Vendedoras de aluá, de limões doces, de cana, de manuê e de sonhos*, em que o artista representava escravas urbanas de ganho. Por conter esse perfil, a questão foge totalmente dos conteúdos clássicos propostos para o período colonial, trabalhando a condição feminina no mundo da América portuguesa.

No tocante às proposições que utilizaram o método comparativo, a prova de 2002 trouxe quatro delas. A questão de número 5 trabalha com a arte do século XVI e com a do século XX. A de número 6 propõe uma análise entre a América inglesa e a América espanhola, no que se refere aos aspectos da colonização e da independência. Já as questões 13 e 14 apresentaram o governo de Getúlio Vargas e o governo de Fernando Henrique Cardoso, indagando sobre o que havia de comum e de diferente nos dois momentos históricos. Frisa-se ainda que a prova de 2002 traz um mapa na questão de número 10, o qual deveria ser analisado pelos alunos-vestibulandos, a fim de discutir o avanço dos bandeirantes para além da linha imaginária do Tratado de Tordesilhas, conforme mostra o quadro a seguir:

Quadro 2 – Questão com mapa

10. A partir do século XVII, a exploração portuguesa no território brasileiro ultrapassou o litoral, avançando pelo interior, com o movimento das Bandeiras, representado no mapa a seguir.



FONTE: COTRIM, Gilberto. **História e consciência do Brasil**. São Paulo: Saraiva, 1997. p. 105.

Analisando o mapa acima, é correto afirmar que as Bandeiras

- A) forçaram a dilatação da linha de Tordesilhas, favorecendo o império espanhol.
- B) dirigiram-se aos sertões procurando metais preciosos e criando aldeamentos indígenas.
- C) detiveram-se nas margens dos principais rios situados no território português.
- D) forneceram elementos para um primeiro delineamento das fronteiras brasileiras atuais.

Fonte: Provas do vestibular da Comperve, ano de 2002

A utilização de mapas nos exames vestibulares da última década quase não existiu. Contabilizaram-se apenas dois, um exemplificado acima, da prova de 2002, e outro do ano de 2005, versando sobre as relações internacionais do Império do Brasil na América do Sul. No entanto, a aplicação de gravuras (imagens) foi uma escolha muito mais frequente feita pelas bancas elaboradoras, em um total de 141, sendo usadas 18, incluídos os mapas mencionados. Destacam-se os anos de 2002 e 2010, pois em cada um desses anos usaram-se cinco gravuras por prova.

Na avaliação de 2006, as questões de número 5, 8 e 14 foram especificamente de ordem interpretativa, como recomendam as orientações teóricas, envolvendo conteúdos de História Moderna e História do Brasil. Veja-se:

Quadro 3 – Questões de ordem especificamente interpretativa

05. O rei Henrique VIII, que governou a Inglaterra de 1509 a 1549, criou uma legislação específica sobre o trabalho. Nessa legislação, determinava-se:

*Os mendigos velhos e incapacitados para o trabalho deverão pedir licença para mendigar. Para os vagabundos jovens e fortes, açoites e reclusão. Serão presos à parte traseira de um carro e se lhes açoitará até que o sangue emane de seu corpo, devolvendo-o em seguida, sob juramento, à sua terra natal ou ao local onde residiram durante os últimos três anos, para que “se ponham a trabalhar”. [...] Em caso de reincidência, deverá açoitar-se novamente o culpado e cortar-lhe metade da orelha; na terceira vez, será enforcado como criminoso perigoso e inimigo da sociedade. (MARX, Karl. O Capital. Apud FARIA, Ricardo de Moura et al. **História**. Belo Horizonte: Ed. Lê, 1995. v. 1. p. 63).*

Tais leis foram elaboradas com o objetivo de

- A) controlar a enorme massa de camponeses expropriados de suas terras, que, não encontrando trabalho, se tornavam mendigos e vagabundos.
- B) impedir o fluxo migratório do campo para a cidade, uma vez que o sistema fabril não conseguia absorver esses contingentes de mão-de-obra.
- C) estimular o desenvolvimento da grande indústria, disciplinando os vadios e os mendigos, para que operassem as máquinas nas fábricas.
- D) reprimir a reação da população rural, que, obrigada a migrar para as cidades, se negava a submeter-se ao regime de trabalho nas fábricas.

08. No século XVI, o alemão Hans Staden, durante vários meses prisioneiro dos tupinambás (uma das tribos do grupo tupi), comenta:

[...] quando querem construir suas choças, reúne o chefe um grupo de cerca de quarenta homens e mulheres, quantos pode conseguir, sendo usualmente seus amigos e parentes que edificam uma cabana. (STADEN, Hans. **Duas viagens ao Brasil.** Belo Horizonte: Itatiaia, 1974. p. 155).

Esse comentário ilustra o fato de que, na sociedade tribal, à época da chegada dos europeus à América,

- A) o acúmulo de excedentes econômicos era mínimo, e, por conseguinte, as trocas de produtos entre as tribos ocorriam raramente e em escala reduzida.
- B) a cooperação entre vizinhos do mesmo grupo, ou até mesmo de outros grupos locais, constituía um dos pilares da sua organização social.
- C) a distribuição de bens e serviços, nas sociedades indígenas, era determinada por uma série de regras semelhantes às existentes numa economia de mercado.
- D) o acesso à propriedade da terra era reservado ao chefe tribal e a sua família, devendo o restante dos membros ceder a força de trabalho para o cultivo.

Fonte: Provas do vestibular da Comperve, ano de 2006.

Para o Quadro 3 não ficar desproporcional aos demais já apresentados, opta-se por não colocar a questão de número 14, que discute a década de 1930 no Brasil.

Em 2004, a proposição de número 1 também teve um caráter interpretativo, na qual a banca se valeu de um texto sobre a Guerra Fria, versando a respeito da esperança e das expectativas na energia nuclear para o mundo pós-Segunda Guerra Mundial, propondo ao aluno, em seguida, a gravura de um desfile militar em 1º maio de 1964 na União Soviética. A partir disso, buscou-se saber qual a compreensão do candidato diante da leitura do texto e da imagem.

A utilização de documentos e a proposta para as suas análises perpassam praticamente todas as provas de História elaboradas pela Comperve, nos últimos dez anos, tal como orientam os PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) para a disciplina. A partir disso, elege-se a questão de número 28, do exame vestibular do ano de 2008, como o melhor exemplo da proposta. Observe-se:

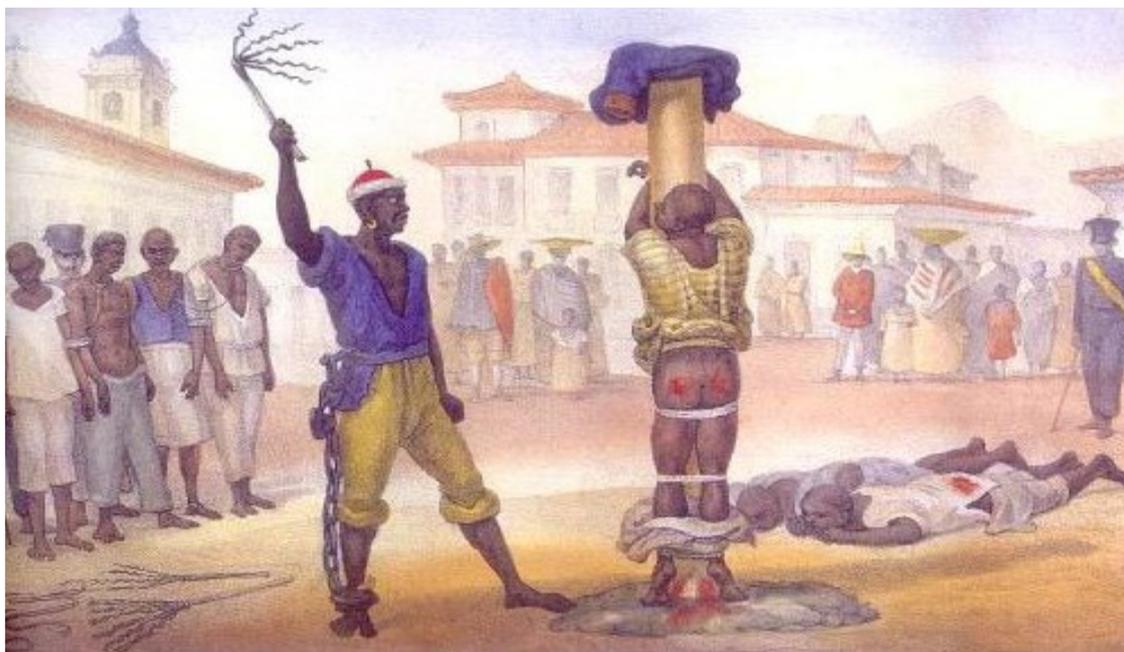
Quadro 4 – Questão com a utilização de fontes

Questão 28

No Brasil, a mão-de-obra escrava africana foi o sustentáculo da vida econômica durante a Colônia e o Império.

As fontes abaixo servem para a reconstrução histórica da escravatura no Brasil.

Fonte 1



DEBRET, Jean-Baptiste. **Feitor castigando escravo**. 1835. Disponível em:

<<http://www.terrabrasileira.net/folclore/origenes/africana/escravo.html>>. Acesso em: 24 ago. 2007.

Fonte 2

2:000T000

Offerece-se dous contos de réis (2:000\$.) a quem prender, e puzer na cadeia da cidade de Sorocaba o escravo Generozo que assassinou seu senhor, o tenente-coronel Fernando Lopes de Souza Freire, ás 6 1/2 horas da tarde do dia 28 de Abril, cujos signaes são os seguintes: estatura regular, delgado de corpo, côr fula avermelhada, cabellos carapinhos, nariz chato, bocca grande, pés magros e um pouco franzidos, pernas fiuas; é domador, e viciado em bebidas alcoolicas. Anda fugido desde Janeiro do anno proximo passado; do seu escondrijo subiu para commetter o crime. 3-1

PROVÍNCIA DE SÃO PAULO, 14 maio 1875 .DELL'AGOSTINO, Adriana de Oliveira Gabardo; VASCO, Ediméri Stadler; SILVA, Sérgio Aguilar. **História: trabalho, cultura e poder**. Curitiba: Base Editora, 2005. p. 72. (Sociedade brasileira, 3).

Tomando como referência essas duas fontes históricas, com relação à escravidão africana no Brasil, podemos afirmar que

- A) os escravizados eram tratados com grande violência e sujeitos a rigorosas punições, de modo que eles não conseguiam reagir ao sistema escravocrata.
- B) os africanos se submeteram passivamente ao sistema escravocrata, cumprindo fielmente o que determinava a legislação da época.
- C) os escravizados africanos eram constantemente alvos de maus-tratos, que os levavam a diversas formas de reação contra seus senhores.
- D) os africanos já conheciam a escravidão no continente de origem, tornando fácil sua exploração nas atividades econômicas no Brasil.

Fonte: Provas do vestibular da Comperve, ano de 2008.

A proposição acima apresenta dois textos, um visual e outro escrito, ambos produzidos no século XIX. O primeiro é uma reprodução da tela de Jean-Baptiste Debret, intitulada *Feitor castigando escravo*, de 1835, e o segundo é uma notícia publicada no *Jornal Província de São Paulo*, em 14 de maio de 1875, em que se oferecia uma recompensa a quem denunciasse um escravo criminoso e fugido. Dessa forma, a questão busca associar os dois documentos sobre a escravidão africana no Império do Brasil, requerendo do aluno-vestibulando a competência de compreensão e a interpretação textual.

Após uma análise de ordem quantitativa e qualitativa, buscando construir um perfil das provas de História do exame vestibular da UFRN elaborado pela Comperve nos últimos dez anos, detecta-se um equilíbrio numérico entre as questões de História Geral e História do Brasil, sendo as questões de História local relegadas a uma por exame, elaboradas na maioria das vezes a partir de conteúdos tradicionais. Temas como gênero, família, identidade, eugenia, cidade e globalização praticamente não fizeram parte do elenco de questões.

Acredita-se que tal exame, que representa um divisor de águas na vida de muitos alunos-vestibulandos, adaptou-se às novas orientações teóricas e metodológicas. Avaliações passaram a ser construídas com o cuidado de submeter os alunos a um processo que valoriza as habilidades de leitura e interpretação das mais variadas modalidades textuais. Possivelmente, a opção de utilizar textos, mapas ou mesmo imagens das mais diversas temporalidades foi motivada pela orientação teórica individual dos professores participantes da banca, que estão atentos às novas propostas.

Por fim, as provas de História do exame vestibular da UFRN do século XXI abandonaram completamente as práticas decorativas e passaram a avaliar o aluno capaz de ler e associar o passado ao contexto do mundo em que vive.

Referências

- AMADO, Jorge. **Dona Flor e seus dois maridos**. 52. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- BERUTTI, Flávio; MARQUES, Adhemar. **Ensinar e Aprender História**. Belo Horizonte: RHJ, 2009.
- BITTENCOURT, Circe. Identidade nacional e ensino de História do Brasil. In: KARNAL, Leandro (Org.). **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 185-204.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. 5. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, 2010. Disponível em: <<http://bd.camara.gov.br>>. Acesso em: 22 ago. 2011.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **História do Rio Grande do Norte**. Natal: Fundação José Augusto; Rio de Janeiro: Achiamé, [s.d].
- COMISSÃO PERMANENTE DO VESTIBULAR – COMPERVE. **Provas de HISTÓRIA do vestibular da UFRN (2001-2010)**. Disponível em: <www.comperve.ufrn.br>. Acesso em: 20 jun. 2011.
- COTRIM, Gilberto. **História global: Brasil e geral**. 8. ed. São Paulo: Saraiva, 2005. (Volume único).
- DEL PRIORE, Mary. História do cotidiano e vida privada. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Org.). **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. 5. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 259-274.
- FARIA, Ricardo de Moura et al. **Estudos de história**. São Paulo: FTD, 2010. v. 1.
- FIDELIS, Fabiana Cardoso. **Concurso vestibular: uma análise tipológica e enunciativa**. 2002. 100 p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.
- FUNARI, Pedro Paulo. A renovação da História Antiga. In: KARNAL, Leandro (Org.). **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 95-107.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1992. (Série Interpretações da história do homem; v. 2).

LYRA, A. Tavares de. **História do Rio Grande do Norte**. 3. ed. Natal: IHG(RN), 1998.

MARIZ, Marlene da Silva; SUASSUNA, Luiz Eduardo Brandão. **História do Rio Grande do Norte**. Natal: Sebo Vermelho, 2002.

MONTEIRO, Denise Mattos. **Introdução à história do Rio Grande do Norte**. Natal: UFRN, 2000.

NOGUEIRA, Fausto Henrique Gomes; CAPELLARI, Marcos Alexandre (Org.). **História: ser protagonista**. São Paulo: SM, 2010. v. 1.

NOVAIS, Fernando A. Condições da privacidade na colônia. In: NOVAIS, Fernando A.; MELLO E SOUZA, Laura (Org.). **História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 13-39. (Coleção História da vida privada no Brasil; v. 1).

ROCHA POMBO, Francisco José. **História do Estado do Rio Grande do Norte**. Rio de Janeiro: Anuario do Brasil, 1922.

SOBANSKI, Adrine et al. **Ensinar e aprender História: história em quadrinhos e canções**. Curitiba: Base, 2009.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. **Ensinar História**. São Paulo: Scipione, 2010.

VAINFAS, Ronaldo et al. **História: das sociedades sem Estado às monarquias absolutistas**. São Paulo: Saraiva, 2010. v. 1.

Artigo recebido em 21 de dezembro de 2011. Aprovado em 23 de março de 2013.

Notas

¹ Os aulões ocorrem normalmente meses antes do vestibular. São exposições de conteúdos em que os professores se alternam em um palco falando para centenas de alunos.

² Nos anos de 2008 e 2010, as provas do vestibular da Comperve trouxeram duas questões sobre História do Rio Grande do Norte, em função de modificações realizadas no processo seletivo, que adaptou a seleção ao formato do ENEM.